

O ensino de história, professores como sujeitos e a produção de saberes e práticas no contexto escolar

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

André Luiz Lírio Cunha^{*}
Cibele de Camargo Lima

Entre diversos livros que abordam a temática do ensino de História, por que o livro da professora Ana Maria Monteiro continua tendo muito a nos dizer mesmo dez anos depois de sua publicação? Esta é a pergunta que move o desafio de escrever sobre este trabalho que foi apresentado inicialmente como tese de doutoramento em 2002 e publicado em forma de livro em 2007.

Dentre os seus interesses de pesquisa estão os temas do currículo, conhecimento escolar e disciplinas escolares, identidade profissional, saberes ensinados.

A autora é Doutora em Educação pela PUC/ Rio e uma importante pesquisadora do campo de ensino de História. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O livro tem como questão central a construção dos saberes e práticas dos professores de História no contexto escolar. Entre as perguntas centrais, destacamos: como professores de História mobilizam os saberes que dominam para ensiná-los? A trajetória da pesquisa leva a conclusões arejadas e aponta perspectivas ainda pouco estudadas neste campo do ensino de história, reconhecido pela autora como uma “região de fronteira entre a História e a Educação e, dentro deste último, na confluência das áreas de didática, currículo e formação de professores” (MONTEIRO, 2007: 227).

Os caminhos da pesquisa levaram a aprofundar os conceitos de saber escolar, transposição didática, saber ensinado, saber docente e conteúdos pedagogizados. Monteiro

^{*} Pós-graduandos no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob orientação do Prof. Dr. João do Prado Ferraz de Carvalho.

desenvolve seu trabalho com olhar orientado pela perspectiva do currículo em ação. Destaca-se a preocupação em trabalhar o currículo vivido sem objetivo de intervir na prática observada, na busca pela compreensão desses saberes e como se articulam.

O livro mostra-se uma referência a quem deseja se aprofundar nestes campos de estudo que, como várias vezes é enfatizado pela autora, ainda são incipientes e necessitam de mais atenção, especialmente na busca de referenciais metodológicos que possibilitem dar conta do desafio de compreender os saberes docentes em seus múltiplos aspectos.

Monteiro combate a ideia de que o professor atua tecnicamente na aplicação de métodos e saberes produzidos externamente à escola. A figura de um “professor transmissor” colide com a concepção da autora de que os docentes são produtores de saberes necessários para dar conta das demandas impostas no cotidiano escolar e que o espaço escolar também possui necessidades próprias e potencial criativo na produção de saberes.

Dentro dos marcos da racionalidade técnica, os saberes selecionados para composição dos currículos, até poucas décadas, não eram questionados. Ao discorrer sobre a trajetória dos estudos referentes ao campo educacional, desde a década de 50 do século passado, a autora aponta pesquisas direcionadas para o desempenho do professor, considerado nestas abordagens um mero gestor de saberes.

Monteiro identifica que o movimento que se iniciou a partir dos anos 90 abriu novos ares ao campo educacional e possibilitou a “ressignificação do conceito de cultura que fundamenta a ação educativa” (2007: 82), na medida em que transpõe a concepção prescritiva de um currículo tido como universal, e que, por isso mesmo, era visto como suficiente para responder aos conflitos escolares, desde que aplicado os métodos adequados por profissionais tecnicamente qualificados. Antes visto como universal, o currículo passa a ser considerado um campo em constante construção e intensas disputas, opinião compartilhada pela autora.

A partir dessa perspectiva recente no campo da pesquisa educacional, a escola passa a ser identificada como um espaço onde se constroem saberes próprios e que possui uma cultura escolar ao mesmo tempo em que esta cultura também faz da escola um ambiente vivo. Os sujeitos do processo educativo - estudantes e, no caso específico deste trabalho, docentes - não são apenas reprodutores, mas também criadores.

Para discutir a relação entre saber a ensinar e saber ensinado, a autora recorre ao conceito de transposição didática. Nesta concepção, os saberes a ensinar partem do saber acadêmico, contudo, de forma crítica, considerando a dinâmica de fluxos (saber acadêmico e escolar) descendentes e ascendentes, incorporando outras mediações e saberes como: as

práticas sociais de referência, saberes dos discentes e docentes, independentemente do espaço escolar. Com isso, Monteiro utiliza o conceito de forma revisitada e questiona a hierarquização do saber acadêmico no contexto escolar.

Nesse sentido, o diálogo com Chevallard é fundamental, especialmente em relação à ideia da transposição didática. Para a autora, no entanto, a tese de que há uma hegemonia do saber acadêmico em relação ao saber escolar não se materializa no decorrer da pesquisa. Em suas conclusões Monteiro aponta que a ideia de hegemonia do saber acadêmico proposta por Chevallard não se confirma (2007: 228), e inspirada em autores como Nicole Allieu e Michel Develay, acredita que as concepções teóricas que concebem uma relação de diálogo em “redes de comunicação” são mais aceitáveis ao invés de uma comunicação hierarquizada.

Na conclusão, Monteiro consegue delimitar que “os saberes emergem como eixo que articula as várias instâncias e sujeitos envolvidos”. Consegue, enfim, caracterizar os saberes, objetos de sua pesquisa, como “saberes ensinados, que implica em considerar o contexto escolar como instância de produção de saberes próprios” e “saberes mobilizados, o que implica considerar a dimensão da prática, da ação e, portanto, reconhecer diferentes apropriações” (2007: 227).

Para ensinar o que ensinam, professores produzem, dominam e mobilizam saberes plurais heterogêneos. Muito mais do que reprodutores técnicos, são criadores e produtores, tanto no que diz respeito à forma quanto aos saberes necessários para a prática docente, reconhecendo na cultura escolar características próprias construídas com a sociedade onde está inserida e “com saberes que nela são produzidos e circulam, e onde os professores desempenham um papel estratégico” (2007: 227).

A importância de pesquisas que trabalhem nessa perspectiva é evidente, pois apesar dos avanços no campo do ensino de História e do reconhecimento dos saberes docentes, ainda nos deparamos com formadores de professores que pensam a partir de uma hierarquização de saberes entre a academia e a escola. Nessa leitura, o saber escolar ainda é entendido como uma mera simplificação dos saberes acadêmicos visando uma apresentação compreensível e didática a um público ampliado.

Quando tratam da formação universitária que tiveram, os docentes participantes da pesquisa que resultou no livro aqui resenhado afirmam que os cursos de graduação que os formaram tinham enfoque maior na formação de pesquisadores acadêmicos, ignorando muitas vezes o fato de que um número significativo de estudantes de História iria seguir carreira na educação básica.

Outra conclusão importante da autora diz respeito à “qualidade” do saber.

Monteiro a caracteriza como uma articulação entre conteúdo e método, articulando conteúdos, valores e objetivos em uma forma de trabalho que não se mostra em nenhum momento “doutrinária.”.

Por fim, destacamos o papel pioneiro da obra de Ana Maria Monteiro. Ao estudar os professores de história como agentes criativos na construção dos saberes escolares em suas especificidades, além de “expandir fronteiras” em um campo de estudo tão necessário, porém incipiente, ela também valoriza e ressignifica o ofício do professor, o que em tempos como o que vivemos de ataque à profissão docente, agrega ao livro outra importante contribuição.

